**Resenha**

SARLO, Beatriz. **La ciudad vista – mercancias e cultura urbana.** 1ª edição. Buenos Aires: Sieglo Veitiuno Editores, 2009. 230 p.

A partir da primeira metade do século XX as dinâmicas urbanas têm se tornado objeto de interesse de uma gama de intelectuais. Na Europa, mais especificamente na França, temos os estudos da *Escola Sociológica Francesa* que, a partir dos trabalhos desenvolvidos por Émile Durkheim, Marcel Mauss e Maurice Halbwachs, refletem a relação entre *espaço* e *sociedade*, problematizando ora as interfaces materiais do espaço, ora as construções simbólicas que são atribuídas a ele. Estes autores influenciaram uma série de estudos sobre o fenômeno urbano ao longo do século XX como os de Jean Remy e Liliane Voyé, Michel De Certeau e Marc Augé, voltados à análise das diferentes formas de atribuição de sentidos ao espaço, além de questões sobre mobilidade urbana.

Do outro lado do Atlântico, na América do Norte, a *Escola de Chicago* – também na primeira metade do século XX – vai se preocupar sistematicamente com a questão dos *espaços das cidades*, continuando, sobretudo, as propostas de Georg Simmel. Os trabalhos desenvolvidos por Louis Wirth vão analisar a dimensão do conflito de interesses entre os diversos agentes sociais no que diz respeito às formas de representar e se apropriar do *espaço público*. É interessante notar a influência destes estudos no trabalho de Nobert Elias e J. L. Scotson, sobre as escalas de conflito quando da inserção de grupos *outsiders* em um local que já possui uma configuração sócio-espacial consolidada.

Estes autores influenciaram sobremaneira o estudo das dinâmicas urbanas na América Latina. No Brasil, uma das tendências mais comuns na maioria dos estudos sobre este tema tem sido a concepção do urbano como produto social, resultado das ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço (Gilberto Velho, J. G. Magnani e Rogério Proença Leite).

Na Argentina, um dos nomes que chama atenção pelas questões que têm levantado é Beatriz Sarlo. Argentina, filha de imigrantes italianos, espanhóis e criollos, a autora teve sua formação na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, estudando Literatura sob uma perspectiva sociológica, com enfoque no estruturalismo francês, inspirada especialmente por Roland Barthes e Raymond Williams, numa vertente que tem sido apontada como forte influência para os estudos culturais, mas também de grande importância para sociologia da cultura. A autora publicou livros como *La modernidad periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*, com tradução para o português pela Editora Cosac Naify, em 2010, e *La ciudad vista – mercancias e cultura urbana* (publicado em 2009, mas ainda não traduzido no Brasil). É precisamente sobre esse último que se concentra esta resenha.

A importância deste segundo livro para refletir as dinâmicas urbanas em diálogo com a antropologia social se dá pelo fato de que, a partir de fragmentos da literatura e do cotidiano, a autora constrói uma etnografia visando entender a cidade de Buenos Aires como um objeto de consumo, uma mercadoria. Para tanto, realiza uma reflexão entre a cidade vivenciada através das dinâmicas do dia-a-dia – mas também das narrativas literárias – e a cidade imaginada pelos urbanistas e pelos gestores públicos.

A estrutura do texto não é rígida, estando dividida em cinco capítulos, que podem ser lidos seguindo a ordem pré-estabelecida pela autora, mas também de forma independente de como se apresentam. O que articula e confere unidade ao livro é um tema comum: a relação entre consumo e cultura urbana na cidade de Buenos Aires.

No primeiro capítulo, *A cidade das mercadorias*, a autora desenvolve uma análise do *Shopping Center* e do comércio de rua. Ela inicia descrevendo as transformações nas formas de consumo advindas com o surgimento da propaganda. De um lado, o *shopping*, caracterizado pelo excesso de controle e higienização de seus espaços, impondo novas tipologias de consumo nas relações entre mercadorias e pessoas; do outro, o comércio informal, atribuindo outras significações aos espaços públicos, definindo, portanto, novas práticas das ruas da cidade. O argumento central é a tese de que a circulação de mercadorias define formas de uso específicas da cidade e contribui para transformações no espaço público.

No segundo capítulo, *A cidade dos pobres*, Sarlo debruça-se sobre os que vivem à margem da cidade, discutindo temas como pobreza e violência urbana. Ela observa a “modernização” de Buenos Aires que se inicia em meados dos anos 1930, tendo seus desdobramentos nos dias atuais, chamando atenção para o problema da favelização, ou seja, para a parcela excluída da “modernização” e dos serviços básicos de infra-estrutura urbana. No intuito de compreender as novas manifestações sobre a pobreza urbana, realiza uma etnografia a partir das imagens de fotografias e fragmentos de poemas, relacionando representações, memórias e espaços da cidade.

No terceiro capítulo, com os mesmos preceitos etnográficos, a pesquisadora procura entender a *Cidade dos estrangeiros*. A hipótese principal sustentada é de que Buenos Aires se constitui, fundamentalmente, como uma cidade de migrantes, tanto de outras cidades da Argentina, como da América Latina, ou Europa, como também de coreanos e japoneses. A autora chama atenção para o fato de que não há uma única identidade fixa, estática no tempo e no espaço, mas sim em constante processo de reconstrução em meio à experiência da cidade. Isso desemboca nos problemas dos espaços de disputas, das diferentes apropriações e produções do espaço público nas grandes cidades. Por um lado, ela toma como referente a literatura escrita na primeira metade do século XX para compreender o ponto de vistas dos migrantes daquela época; por outro, a perspectiva dos processos migratórios nos dias de hoje, problematizando a relação entre categorias como local e global.

No quarto capítulo, *Versões da Cidade*, a autora se concentra nos fragmentos de narrativas e poemas e também em pinturas e fotografias. Neste capítulo, ela procura imagens que contribuíram para tornar visível a cidade na obra de alguns artistas. A chave interpretativa seguida é pensar quais são os objetos, os espaços, os lugares e as mercadorias com as quais as obras de determinados artistas estabelecem um ponto de reflexão sobre a cidade.

No último capítulo, *A cidade vista*, Sarlo retoma o que foi discutido anteriormente, problematizando os modelos culturais que se constroem em uma cidade para transmiti-los a seus próprios habitantes, mas também para seus visitantes. O capítulo está divido em quatro partes e é bastante oportuno como conclusão do livro. De início, ela discute a cidade que é produzida para (e pelos) estrangeiros, analisando as representações da indústria do turismo, mas também dos migrantes que têm vindo a Buenos Aires todos os anos. Em seguida, reflete sobre categorias como “falso” e “autêntico” nas imagens e construções narrativas da cidade. Depois disso, problematiza a indústria cultural e a apropriação da categoria cultura pela lógica de mercado, focando nas políticas de *gentrification*, ou requalificação, citando como exemplo os espaços de antigas fábricas que passaram por processos de (re)significação, ganhando um outro sentido e uma outra lógica de consumo. Por fim, inspirada nas heterotopias de Michel Foucault (o poder de justapor em um só lugar uma diversidade de espaços de significados), a autora constrói a metáfora da ciber-cidade, para refletir a (des)territorialização dos espaços urbanos, discutindo as relações entre as redes sociais na internet e os novos usos que elas constroem no espaço público; também as novas lógicas de poder e as estratégias de controle derivadas destes novos usos e significações atribuídos aos espaços de Buenos Aires.

Beatriz Sarlo opta, portanto, pela interdisciplinaridade, realizando um trabalho que contribui para uma Sociologia da Cultura, na medida em que reflete as lógicas por trás da apropriação de elementos culturais pela lógica de mercado; para a Antropologia Social, ao discutir as transformações sociais subjacentes a este processo (relacionadas, principalmente, às questões de método etnográfico em contextos urbanos); e também para a Ciência Política, ao focar nas lógicas de poder implícitas e explícitas na gestão dos espaços públicos das cidades.

**Bibliografia**

AUGÉ, Marc. **Os lugares antropológicos: Dos lugares aos não lugares.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Foucault, Michel. Caps. I “As Meninas” e X “As Ciências Humanas”. In: **As palavras e as coisas**., São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 3-21 e 475-536.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o Sistema Totêmico da Austrália. São Paulo, Paulinas, 1989.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MAGNANI, J. G. De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**Vol. 17 n.49 junho de 2002.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*.* In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

RÉMY, Jean & VOYÉ, Liliane. **A cidade: Rumo a uma nova definição**. Lisboa: Afrontamentos, 1994.

SARLO, Beatriz. **A modernidade periférica: Buenos Aires** 1920-1930. Editora Cosac Naify, 2010.

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. In: **Mana** v11, n2: 577 – 597 de 2005.

VELHO, Gilberto. O Desafio da Cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. In: VELHO, Gilberto (org), Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.